

**A VIOLÊNCIA ESCOLAR ENTRE OS ALUNOS DO 8º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL DO COLÉGIO ESTADUAL JOSÉ CÂNDIDO ROSA:
FORMAS DE MANIFESTAÇÃO E FATORES ASSOCIADOS**

Soray Soares Rosa Damasceno Marques¹

UAA – Universidade Autônoma de Assunção

<https://orcid.org/0009-0008-3698-6963>

E-mail: soaessoray@gmail.com

Marta Suely Alves Cavalcante²

UAA – Universidade Autônoma de Assunção

<https://orcid.org/0009-0007-1723-4937>

E-mail: suelysyla2014@hotmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/BJE-2025.V3N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/BJE-2025.V3N2-06>

RESUMO: As formas e os fatores provenientes da violência escolar tem sido um assunto de grande destaque no cenário acadêmico, devido à grande incidência de violência entre os alunos. Nesse sentido, o artigo foi estruturado e embasado no seguinte problema de pesquisa: Quais as formas e os fatores associados a violência entre os alunos do 8º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa? O objetivo é analisar as formas e os fatores provenientes da violência entre os alunos do 8º ano da unidade escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa. O estudo utilizou uma abordagem qualitativa e descritiva. Participaram da pesquisa os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, seus professores, coordenadores e gestor escolar. Como instrumentos de coleta de dados, foram aplicadas entrevistas abertas com professores, coordenadores e gestor e a observação participante com alunos. Os resultados revelaram que a violência escolar se manifesta de diversas formas, incluindo violência física, psicológica, patrimonial e simbólica, sendo influenciada por fatores como desigualdade social, desestruturação familiar, relações interpessoais conflituosas e ausência de práticas de convivência escolar. A análise dos dados também evidenciou que a violência tem impactos significativos no desempenho acadêmico, na autoestima e na saúde emocional dos alunos. Os relatos dos professores e gestores destacaram a necessidade de políticas públicas mais efetivas, programas de formação continuada para educadores e maior investimento em práticas de convivência e mediação de conflitos. Concluiu-se que a violência escolar é um fenômeno complexo e multifacetado, que requer intervenções integradas entre a escola, a família e a comunidade para ser enfrentado de forma eficaz.

PALAVRAS-CHAVE: Violência Escolar. Fatores Associados à Violência. Prevenção e Combate à Violência.

¹ Mestranda em Ciências de la Educación, pela Universidad Autónoma de Asunción – Paraguai.

² Doutora em Ciências de la Educación, pela Universidad Autónoma de Asunción – Paraguai.



SCHOOL VIOLENCE AMONG 8TH GRADE ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS AT JOSÉ CÂNDIDO ROSA STATE SCHOOL: FORMS OF MANIFESTATION AND ASSOCIATED FACTORS

ABSTRACT: The forms and factors arising from school violence have been a subject of great prominence in the academic scenario, due to the high incidence of violence among students. In this sense, the article was structured and based on the following research problem: What are the forms and factors associated with violence among 8th grade students at Colégio Estadual José Cândido Rosa? The objective is to analyze the forms and factors arising from violence among 8th grade students at the school unit at Colégio Estadual José Cândido Rosa. The study used a qualitative and descriptive approach. The participants were 8th grade elementary school students, their teachers, coordinators and school administrators. Open interviews with teachers, coordinators and administrators, as well as participant observation with students, were used as data collection instruments. The results revealed that school violence manifests itself in various forms, including physical, psychological, patrimonial and symbolic violence, and is influenced by factors such as social inequality, family breakdown, conflicting interpersonal relationships and the absence of school coexistence practices. Data analysis also showed that violence has significant impacts on students' academic performance, self-esteem, and emotional health. Reports from teachers and administrators highlighted the need for more effective public policies, continuing education programs for educators, and greater investment in practices for coexistence and conflict mediation. It was concluded that school violence is a complex and multifaceted phenomenon that requires integrated interventions between the school, family, and community to be effectively addressed.

KEYWORDS: School Violence. Factors Associated with Violence. Prevention and Combating of Violence.

INTRODUÇÃO

A violência escolar é um fenômeno preocupante que afeta diretamente o ambiente educacional, comprometendo a segurança, o bem-estar e o desempenho acadêmico dos alunos. Esse problema pode se manifestar de diversas formas, incluindo agressões físicas, bullying, violência psicológica, vandalismo e até mesmo confrontos entre professores e estudantes.

No Estado de Goiás, a violência escolar tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos, manifestando-se de diversas formas, desde casos de bullying até ataques mais graves. Conforme dados da CBN Goiânia (2024), em 2023, Goiás registrou 1.357 ameaças em unidades escolares, liderando o ranking nacional nesse tipo de ocorrência. No mesmo ano, o estado contabilizou 4.327 denúncias de violência em

escolas, conforme dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, coletados por meio do Disque 100.

A violência escolar está presente em diversos ambientes da sociedade, mas principalmente em escolas da rede pública, onde muitos alunos que não sabem conviver com a diversidade e nem com seus conflitos, usam de atos violentos para solução de seus problemas. Nesse sentido, a pesquisa parte da seguinte questão problema: Quais as formas e os fatores associados a violência entre os alunos do 8º ano do Colégio Estadual José Cândido Rosa?

Compreender as causas e os impactos da violência escolar é fundamental para desenvolver políticas públicas e práticas pedagógicas que promovam a cultura da paz, garantindo que a escola seja um espaço de aprendizado, respeito e convivência saudável. A investigação da violência escolar é essencial para compreender suas causas, impactos e encontrar soluções eficazes para garantir um ambiente seguro e propício ao aprendizado.

O objetivo principal é analisar as formas e os fatores provenientes da violência entre os alunos do 8º ano da unidade escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa. Quanto aos objetivos específicos, pretende-se descrever os motivos que causam a violência entre os alunos do 8º ano; analisar quais os tipos de violência que ocorrem entre os alunos do 8º ano; conhecer os impactos que os diversos tipos de violência podem causar nos alunos; verificar que tipo de proposta a escola desenvolve para amenizar a violência entre alunos.

MÉTODOLOGIA

O presente artigo se trata de uma pesquisa qualitativa com uma abordagem descritiva-exploratória. De acordo com Gil (2014), a pesquisa descritiva-exploratória é caracterizada por sua capacidade de oferecer maior familiaridade com o problema investigado, permitindo torná-lo mais explícito e compreensível. A tipologia descritiva busca identificar, classificar e detalhar fenômenos, enquanto a exploratória se propõe a investigar um tema ainda pouco estudado ou com abordagens limitadas. Essa

combinação de características foi escolhida devido à complexidade e especificidade do problema da violência escolar, que exige um mapeamento detalhado de suas manifestações e causas. Neste estudo, o enfoque qualitativo proporcionou uma visão contextualizada e sensível das interações escolares, enfatizando as narrativas dos participantes e os significados atribuídos aos episódios de violência.

A delimitação da presente pesquisa se deu no âmbito da unidade escolar Colégio Estadual José Cândido Rosa, especificamente com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Optou-se por estudar essa faixa etária em particular devido à elevada incidência de episódios de violência observados entre os alunos dessa série. A pesquisa focou em compreender as formas de violência e os fatores associados, como bullying, violência física e verbal, além de questões relacionadas ao ambiente familiar e comunitário dos alunos.

Foram adotadas duas técnicas principais de coleta de dados: a entrevista aberta e a observação participante. Essas técnicas foram escolhidas por proporcionarem uma compreensão aprofundada da violência escolar no Colégio Estadual José Cândido Rosa. Elas permitem não apenas a coleta de dados de forma direta e flexível, mas também a inserção ativa do pesquisador no ambiente de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira categoria de análise revelou que os motivos da violência entre alunos são multifatoriais, englobando influências familiares, sociais e escolares. Cada grupo destacou elementos distintos, mas complementares, que corroboram a complexidade do fenômeno, apontando para a importância de estratégias de intervenção que envolvam a mediação de conflitos, o fortalecimento de habilidades socioemocionais e o desenvolvimento de um ambiente escolar mais acolhedor e seguro para todos os estudante.

Foi visto que a violência também pode ter fatores sociais e familiares, a falta de apoio emocional e a violência dentro de casa podem refletir no comportamento das crianças e adolescentes nas escolas. Também tem a questão da desestruturação familiar,

o divórcio dos pais, a ausência de figuras parentais ou a convivência com situações de abuso físico ou psicológico podem impactar o desenvolvimento emocional do estudante. Condições socioeconômicas precárias também podem gerar frustração, depressão e um sentimento de impotência, o que pode se refletir em comportamentos agressivos na escola.

Um dos professores entrevistados destacou: *“Eu vejo que muitos desses alunos vêm de ambientes familiares onde a violência é comum, seja na forma de brigas entre os pais ou até pela falta de diálogo. Eles acabam repetindo isso aqui, porque é o que conhecem.”*

Outro fator citado foi a falta de programas educacionais que promovam a resolução pacífica de conflitos e a convivência respeitosa pode contribuir para o aumento da violência. Além da formação inadequada de professores, a falta de capacitação de educadores para lidar com situações de violência ou para detectar sinais de bullying e outros problemas pode resultar em uma gestão inadequada do ambiente escolar. A infraestrutura também tem influência, como falta de segurança, espaços físicos degradados e pouca supervisão, tendem a ter maiores índices de violência.

A escassez de recursos e políticas públicas eficazes para a educação contribui para o agravamento de problemas de violência escolar. A falta de investimentos em segurança, formação de professores e programas de apoio aos estudantes pode intensificar a situação. Percebe-se então que a violência escolar é um reflexo de uma série de fatores que interagem de maneira complexa.

O gestor afirmou que: *“Quando alunos de idades e perfis diferentes interagem, especialmente em espaços comuns, surgem tensões. Muitas vezes, os alunos mais velhos ou com perfis dominantes acabam influenciando os mais novos, o que pode gerar conflitos e até casos de intimidação.”*

O gestor observa que as interações entre alunos de diferentes idades e perfis podem criar um ambiente propício para a violência escolar, particularmente em casos de intimidação dos mais novos pelos mais velhos. G1 menciona que alunos mais dominantes frequentemente influenciam negativamente os mais vulneráveis, um aspecto respaldado por Olweus (1993), que destaca que o bullying costuma ocorrer em

contextos em que existe uma diferença de poder entre os envolvidos, seja pela idade ou posição social. Essa análise é reforçada por Pacheco-Salazar (2018), que identifica que a convivência de grupos diversos sem a mediação adequada pode aumentar o risco de conflitos.

As entrevistas com os coordenadores indicam que a violência entre alunos surge, em grande parte, devido à influência de problemas familiares e da pressão para se estabelecerem socialmente. O comportamento violento também é visto como uma forma de autoafirmação, usada para superar inseguranças e angariar uma posição de liderança no grupo. Assim, os coordenadores ressaltam a necessidade de um ambiente escolar acolhedor e estruturado, onde os alunos possam desenvolver habilidades sociais e emocionais para lidar com conflitos de maneira pacífica.

Na segunda categoria foi analisado os tipos de violência ocorridos no colégio, o principal foi o bullying, o bullying envolve agressões físicas ou psicológicas repetidas, intencionais, e direcionadas a um ou mais estudantes que são alvo constante de humilhações ou intimidações. Entre os tipos, tem o físico, que são empurrões, socos, chutes e qualquer outra forma de agressão física; o bullying verbal, que são os insultos, piadas maldosas, ofensas e ameaças constantes. Tem a exclusão intencional de grupos, fofocas, manipulação social.

A agressão física, bastante recorrente no colégio analisado, ocorre quando um aluno usa a força física contra outro aluno de forma violenta, como socos, tapas, chutes ou até mesmo uso de objetos. Brigas no pátio, brigas durante o intervalo ou em áreas de recreio. Já as agressões psicológicas e emocionais, são formas de violência mais sutis ocorridas no colégio, mas igualmente prejudiciais, onde o estudante é atacado em seu psicológico e emocional. Isso pode envolver manipulação, humilhação pública, chantagens emocionais ou outras formas de desgaste psicológico. Exemplo: Comentários depreciativos sobre aparência, inteligência ou habilidades de um estudante, tentando diminuir sua autoestima. Também ocorrem discriminação e preconceito, que é a violência que ocorre quando um aluno é tratado de forma injusta devido à sua origem, etnia, gênero, orientação sexual, religião, classe social ou qualquer outra característica pessoal.

Um professor destacou: “A violência psicológica, como a exclusão de certos alunos dos grupos, acontece o tempo todo. É uma forma silenciosa, mas extremamente prejudicial.”

E outro completou: “A violência física, embora menos frequente, também ocorre, principalmente em disputas durante o recreio ou em atividades esportivas, quando a competição fica mais intensa.”

As respostas dos professores destacam a diversidade de formas de violência presentes no ambiente escolar, com ênfase nas violências verbal, psicológica, física, digital e relacional. P1 e P2 ressaltam a prevalência do bullying verbal e da exclusão, formas de agressão indireta que afetam o bem-estar emocional dos alunos. Fante (2005) descreve o bullying verbal e psicológico como práticas que envolvem insultos, apelidos e exclusão, que frequentemente deixam marcas psicológicas duradouras nos envolvidos.

A violência nem sempre é óbvia. A maior parte dos casos de violência ocorre longe dos olhos dos adultos e a vítima muitas vezes se sente incapaz de relatar o que está acontecendo por causa do medo de represálias. Outros tipos de violência podem ser tão sutis que podem ser descartados como provocações, o que muitas vezes é considerado aceitável. Se a provocação envolve intimidação e resulta em angústia, ela claramente se enquadra na definição de bullying.

Conforme observado por Azeredo et al. (2015), a violência psicológica afeta profundamente a autoestima e o bem-estar dos alunos, especialmente em um ambiente onde as redes sociais potencializam o alcance das ofensas. Em resumo, os coordenadores percebem um aumento nas formas de violência que não requerem contato físico direto, como o cyberbullying e o bullying psicológico, sugerindo a necessidade de intervenções específicas para mitigar o impacto desses tipos de violência no ambiente escolar.

É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes geralmente não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Significa dizer que, de forma quase natural, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar e amedrontar suas vítimas.

Charlot (2002) observa que as influências do contexto social externo podem agravar a violência dentro das escolas, já que os alunos trazem consigo os conflitos e tensões da vida comunitária. Dessa forma, os registros de violência fora da escola ressaltam a necessidade de uma abordagem integrada entre a escola e a comunidade para mitigar os conflitos e melhorar a convivência no ambiente escolar.

Notou-se que a escola não está imune às manifestações de agressões, já que as intolerâncias às diferenças, os preconceitos e a covardia nas relações interpessoais não estão somente dentro dos muros escolares, constituem todo segmento da sociedade. Entretanto, ela pode se compor como um espaço seguro e saudável de ensino e aprendizagem, onde crianças e adolescentes possam conviver socialmente, provendo relações interpessoais, que são fundamentais para o crescimento dos jovens por meio da aceitação da inclusão e do respeito aos outros. Tudo isso cria um ambiente que possibilita um cenário em que eles aprendam a se conhecer e a desenvolver sua subjetividade e individualidade.

Em resumo, as análises dos quatro grupos revelam que as manifestações de violência escolar no CEJCR são multifacetadas e influenciadas por fatores sociais, econômicos e culturais, além de serem intensificadas pela ausência de supervisão em momentos estratégicos e pela influência das redes sociais. Esse contexto destaca a necessidade de estratégias de supervisão, intervenção personalizada e conscientização digital para mitigar os impactos das diversas formas de violência e promover um ambiente escolar mais seguro e acolhedor.

Na terceira categoria, constatou-se que a violência escolar pode gerar uma série de consequências negativas para os alunos, a comunidade escolar e a sociedade como um todo. Essas consequências podem afetar tanto as vítimas quanto os agressores, e o ambiente educacional de maneira geral.

Os resultados mostraram que a violência no colégio, especialmente o bullying, é um problema não só da escola, mas de toda a sociedade devido às graves repercussões psicológicas e emocionais que podem causar aos envolvidos ao longo de suas vidas. O comportamento violento é um problema sério entre crianças e adolescentes em idade escolar; tem efeitos de curto e longo prazo sobre o indivíduo que

é intimidado, o indivíduo que intimida, o indivíduo que é intimidado e intimida outros, e o espectador presente durante o evento de bullying.

De acordo com Olweus (1993), o bullying impacta profundamente o autoconceito dos alunos, levando-os a duvidarem de suas habilidades e, em muitos casos, a evitarem a escola como estratégia de autoproteção. P5 reforça que o desânimo e a desmotivação gerados pela violência podem levar até mesmo ao abandono escolar, um problema que Abramovay (2005) também identifica como um dos efeitos mais graves do bullying.

P2 e P4 enfatizam que a violência também afeta o engajamento social e escolar das vítimas, que podem se tornar retraídas e, em alguns casos, abandonar os estudos. Esse efeito é corroborado por Abramovay e Rua (2002), que mencionam que a exclusão e o isolamento são consequências recorrentes para as vítimas, enquanto os agressores podem reforçar padrões de dominação. P3 destaca o impacto na trajetória escolar do agressor, indicando que o foco em intimidação afeta negativamente o desenvolvimento acadêmico e pessoal, um ponto que Charlot (2005) relaciona ao risco de comportamentos violentos futuros.

O professor P3 menciona os sintomas físicos, como dores de cabeça e estômago, que frequentemente acompanham o sofrimento psicológico gerado pela violência escolar. Esses sintomas são consistentes com os achados de Azeredo et al. (2015), que associam o bullying a problemas psicossomáticos em alunos.

A violência escolar pode causar sérios danos emocionais e psicológicos nas vítimas, como ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e baixa autoestima. Essas condições podem afetar o desenvolvimento saudável da criança ou adolescente. Também podem causar dificuldades de aprendizagem, pois alunos que enfrentam violência podem ter dificuldades para se concentrar nas aulas, o que prejudica seu desempenho escolar. O medo e a ansiedade constantes podem tornar o ambiente de aprendizagem inóspito e dificultar o desenvolvimento acadêmico.

Nesse sentido, a violência escolar acarreta consequências graves na aprendizagem escolar e ao desenvolvimento da inteligência da vítima. Compromete a socialização, tanto na infância, quanto na vida adulta, repercutindo também no contexto

profissional das vítimas, como também causa danos aos agressores, além de outras desordens psiquiátricas.

Na entrevista com o coordenador, ele afirma que a violência causa medo e isolamento nas vítimas, enquanto os agressores, ao se fortalecerem com esses comportamentos, podem repetir esses padrões em outros ambientes. Olweus (1993) também observa que o comportamento agressivo reforça atitudes negativas, criando um ciclo de violência que pode se estender além da escola. Portanto, a violência escolar não apenas prejudica a saúde emocional e social das vítimas, mas também perpetua comportamentos prejudiciais nos agressores, enfatizando a necessidade de intervenções que abordem ambos os lados para romper esse ciclo.

O coordenador também acrescentou que a violência destrói o clima de segurança, gerando desconfiança entre os alunos. Esse aspecto é reforçado por Crews (2019), que afirma que a presença de violência escolar afeta o senso de comunidade e aumenta a insegurança coletiva. Em síntese, o ambiente escolar passa a ser percebido como hostil, afetando as interações sociais e o bem-estar de todos, tanto agressores quanto vítimas e espectadores, e prejudicando o ambiente de aprendizado.

Enquanto o Gestor afirmou que: *“Notamos que a violência desanima os alunos de se envolverem em atividades extracurriculares, especialmente aqueles que já se sentem inseguros. Isso nos leva a priorizar programas de incentivo e criar espaços mais seguros para promover o envolvimento.”*

A resposta do gestor indica que o clima de violência desmotiva a participação dos alunos em atividades extracurriculares, reduzindo oportunidades de desenvolvimento e socialização fora da sala de aula. Segundo Abramovay (2005), a falta de segurança percebida pelos alunos influencia negativamente seu engajamento em atividades adicionais, privando-os de experiências formativas importantes.

Além disso, Fante (2005) argumenta que atividades extracurriculares podem ser um recurso eficaz para integração e redução de conflitos, pois promovem interações positivas e a construção de vínculos. A gestão, portanto, vê a criação de ambientes seguros como uma prioridade para restabelecer a confiança e incentivar o engajamento em atividades extracurriculares.

Outra consequência vista foi a questão da evasão escolar, bem como para a desmotivação em relação aos estudos, levando essas pessoas a apresentarem dificuldades na aprendizagem, bem como formar uma geração de pessoas psicologicamente desestruturadas, que poderão adotar características antissociais. O mesmo autor afirma ainda que a pessoa que passa por esse tipo de violência viver constante em um estado de tensão e amedrontamento, bem como de estresse. A literatura enfatizou que pessoas que sofrem bullying quando crianças, são muito mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos.

Conforme respostas dos participantes, os episódios de violência geram preocupações na comunidade, afetando negativamente a percepção da segurança escolar e a confiança dos pais. Segundo Charlot (2002), a violência escolar compromete a imagem da instituição, pois os problemas internos se refletem externamente, alimentando a insegurança e a desconfiança das famílias.

Esse distanciamento entre escola e comunidade dificulta a construção de uma relação colaborativa, essencial para enfrentar os desafios relacionados à violência. Fante (2005) complementa, apontando que uma comunicação aberta e ações preventivas ajudam a fortalecer a parceria entre escola e comunidade, promovendo um ambiente mais seguro e acolhedor para os alunos.

Na quarta etapa buscou-se analisar e compreender as estratégias implementadas pela escola para minimizar as manifestações de violência entre os alunos. Para isso, trouxemos mais a opinião dos alunos. O objetivo é examinar as políticas, programas e intervenções pedagógicas que visam criar um ambiente escolar mais seguro, promovendo o respeito e a cooperação entre os estudantes. Com isso, os alunos foram chamados de A1 até A15.

Os alunos A1, A2 e A3 revelaram percepções mistas sobre as iniciativas da escola para mitigar comportamentos agressivos. Durante uma atividade em grupo sobre o tema “respeito e convivência”, A1 demonstrou uma postura cética e, em tom crítico, mencionou que essas ações “não mudam nada de verdade” e que “ninguém leva a sério”, refletindo sua dificuldade em enxergar valor nessas intervenções e sua tendência a uma postura de resistência. A2, por sua vez, mostrou-se irônico durante a discussão,

utilizando sarcasmo para desmerecer os exemplos positivos de convivência sugeridos pela escola, mantendo seu padrão de comportamento defensivo e distante. A3, ao contrário, permaneceu em silêncio e apenas acompanhou os comentários dos demais, sem demonstrar envolvimento direto, evidenciando sua postura passiva e de apoio velado aos colegas.

a observação participativa feita com os alunos A4, A5 e A6 trouxe à tona reações distintas em relação às iniciativas escolares para promover a convivência pacífica. Durante uma palestra sobre práticas de respeito e inclusão, A14 manteve-se distante e indiferente, limitando-se a ouvir passivamente e evitando interações com colegas menos populares, o que reflete seu padrão de exclusão indireta e uma postura conformada em relação às normas sociais do grupo. A5, por outro lado, tentou transformar o momento em um espaço de humor, fazendo comentários sarcásticos durante a fala do palestrante, o que gerou risos entre alguns colegas e desvio de atenção, evidenciando sua tendência a usar o sarcasmo como forma de desestabilizar as iniciativas de integração. A6 observou a palestra sem demonstrar engajamento, limitando-se a acompanhar os comentários dos colegas com olhares e sorrisos, o que reforça sua postura passiva e de apoio silencioso às atitudes dos demais.

A amostra de alunos A7, A8 e A9 revelou reações que refletem suas atitudes típicas em relação às dinâmicas de poder e exclusão entre os colegas. Durante uma atividade de grupo proposta para estimular a cooperação e o respeito, A7, que costuma adotar uma postura crítica e competitiva, demonstrou impaciência e irritação quando alguns colegas não acompanharam seu ritmo. Ele frequentemente interrompia os demais e fazia observações críticas, o que desmotivava o grupo e reforçava a tensão, evidenciando sua resistência a atividades que promovam igualdade e cooperação. A8, por sua vez, manteve-se em uma postura de indiferença, limitando sua participação e ignorando colegas menos populares, o que reforçou um ambiente de exclusão social passiva, sem colaborar efetivamente com a proposta de integração. A9, que costuma utilizar sarcasmo para minar a reputação de colegas ausentes, demonstrou desconforto em situações de colaboração direta, preferindo fazer comentários irônicos para desviar a atenção e evitar envolvimento mais profundo.

A observação participativa envolvendo os alunos A10, A11 e A15 trouxe percepções variadas sobre as atividades de prevenção de violência e promoção de respeito realizadas pela escola. Durante uma dinâmica de grupo que incentivava a expressão de sentimentos e a resolução pacífica de conflitos, A10 demonstrou impaciência e desconforto, frequentemente interrompendo e criticando os comentários dos colegas, o que evidenciou sua dificuldade em lidar com atividades colaborativas e reforçou seu padrão de comportamento impulsivo e de controle. A11, por outro lado, participou de forma irônica, fazendo comentários sarcásticos sobre a utilidade da atividade e provocando risos discretos de outros colegas, o que refletiu seu uso habitual do sarcasmo como defesa para manter distância emocional e evitar envolvimento genuíno. A15 mostrou-se reservado, mas atento, exibindo uma postura de hipervigilância, como se estivesse à espera de possíveis provocações; sua participação foi mínima e marcada por respostas defensivas, evidenciando sua dificuldade em se sentir seguro para se abrir no contexto grupal.

Quanto a entrevista com os professores, todos indicaram que a escola prioriza ações preventivas para lidar com a violência, implementando atividades de conscientização e dinâmicas inclusivas. P1, P2, e P5 mencionam a ênfase nas palestras e campanhas educativas, refletindo a visão de Abramovay e Rua (2002), que defendem a prevenção como a estratégia mais eficaz para criar um ambiente escolar seguro e harmonioso. Essas ações visam construir uma cultura de respeito e entendimento entre os alunos, promovendo valores que inibem o surgimento da violência.

P3 e P4 reconhecem que as punições existem, mas apenas como medidas secundárias, em casos mais graves. Essa abordagem é apoiada por Fante (2005), que argumenta que, enquanto as ações punitivas são necessárias para certos comportamentos, as ações preventivas desempenham um papel crucial na educação para a convivência. Em resumo, a escola adota uma postura predominantemente preventiva, com foco em atividades que visam educar e conscientizar os alunos, enquanto as ações punitivas são aplicadas somente quando indispensáveis.

As respostas dos professores apontam caminhos variados para enfrentar a violência escolar, como parcerias com as famílias, educação em valores, mediação de

conflitos, apoio psicológico e formação continuada de docentes. P1 e P2 ressaltam o papel da colaboração com os pais e a educação em respeito e empatia, alinhando-se ao estudo de Abramovay (2005), que destaca a importância de uma abordagem colaborativa entre escola e família para fortalecer a rede de apoio aos alunos e promover uma cultura de respeito.

Segundo Pimenta e Incrocci (2018), a mediação escolar é uma prática fundamental para desenvolver habilidades de comunicação e resolução de conflitos, ajudando a prevenir a violência. P4 destaca a necessidade de apoio psicológico, apontando que o suporte profissional aos alunos em conflito é vital para reduzir as tensões e oferecer alternativas saudáveis para o enfrentamento de problemas. Esse ponto é corroborado por Gondim e Loiola (2021), que discutem o impacto positivo do apoio psicológico no ambiente escolar.

O coordenador mencionou programas de mediação de conflitos, nos quais os alunos participam ativamente, promovendo o entendimento mútuo e a empatia. De acordo com Esquierro (2011), programas de mediação incentivam os alunos a resolverem suas diferenças pacificamente, construindo habilidades sociais e emocionais que contribuem para um ambiente escolar mais harmonioso. Em resumo, essas propostas educativas refletem um esforço da escola para fortalecer a convivência e reduzir os comportamentos violentos, envolvendo os alunos em práticas que promovem a comunicação e o respeito mútuo.

Por fim, após a análise desta categoria com a observação participante e com as entrevistas, constatou-se que o combate à violência escolar exige a implementação de uma abordagem integrada e coordenada entre a escola, a família, a comunidade e os órgãos responsáveis. A escola promove palestras sobre bullying e realiza campanhas de conscientização. Em sala de aula, tenta conversar diretamente com os alunos envolvidos para entender o que está acontecendo.

Os participantes disseram que o colégio realiza treinamentos sobre como lidar com conflitos. Os professores ao ver alguma situação de violência, busca resolver de forma mediadora, incentivando o diálogo entre os envolvidos. A escola tem projetos de

inclusão e atividades em grupo que promovem a cooperação. Os professores costumam reforçar o respeito e a empatia, destacando os valores de convivência saudável.

Além das campanhas de conscientização, a direção está sempre aberta para discutir com os pais quando necessário. Em sala, procura intervir de imediato, evitando que o problema se intensifique. Eles incentivam atividades que promovem a interação e a aceitação das diferenças e procuram envolver toda a turma em reflexões sobre respeito e consequências do bullying. As respostas dos professores indicam que a escola adota várias ações para minimizar a violência, como palestras, campanhas de conscientização e atividades de inclusão.

É indispensável enfatizar sobre a importância de toda a comunidade escolar estar mobilizada em torno desse assunto. Qualquer estratégia de prevenção à violência na escola pede uma sensibilização, uma mobilização e participação de toda a comunidade escolar, não só dos envolvidos. E não é tão eficaz que as intervenções sejam separadas das dinâmicas gerais da escola, deve-se estar envolvido em diversas atividades. Compreender essa dinâmica aponta os caminhos que o Colégio Estadual José Cândido Rosa precisa buscar para prevenir o bullying na escola.

CONCLUSÕES

Por meio do estudo, identificaram-se os tipos de violência presentes na escola, que foram a violência física, verbal, psicológica e patrimonial, conforme estruturado nas categorias de análise, o que permitiu mapear as dinâmicas sociais e o papel de influências familiares, sociais e escolares na perpetuação desses comportamentos.

Foi visto que a violência também pode ter fatores sociais e familiares, a falta de apoio emocional e a violência dentro de casa podem refletir no comportamento das crianças e adolescentes nas escolas. Nesse sentido, percebeu-se que a violência escolar é um fenômeno multifacetado que pode se manifestar de várias maneiras e é impulsionada por uma série de fatores, tanto individuais quanto coletivos. Combater a violência escolar exige um entendimento profundo desses fatores e a implementação de estratégias que envolvam a escola, a família e a sociedade. Prevenir e reduzir a violência

escolar depende de um esforço contínuo para promover ambientes de respeito, empatia e resolução pacífica de conflitos, além de oferecer suporte psicológico adequado e políticas de intervenção eficazes.

Sobre as causas subjacentes aos comportamentos violentos, destacou-se fatores como conflitos interpessoais, influências familiares, falta de intervenção adequada e a normalização da violência como resposta socialmente aceitável entre pares.

Constatou-se que o tipo de violência mais praticados no Colégio Cândido Rosa é o verbal/psicológica, seguido por violência física, comprovado principalmente pela entrevista com os professores. Confirmou-se que a violência no ambiente escolar ou fora dele pode gerar impactos profundos no desenvolvimento emocional, social e acadêmico dos alunos. Os efeitos podem variar de acordo com a intensidade, a frequência e o tipo de violência sofrida. Logo, os principais impactos constatados foram lesões físicas, medo, ansiedade, baixa autoestima, queda no rendimento escolar e evasão.

Os resultados mostraram também que a escola realiza iniciativas educativas e de mediação de conflitos, buscando promover a conscientização sobre bullying e incentivar o diálogo. Também fazem uso de advertências e medidas reflexivas, valorizam o respeito, a convivência pacífica e o diálogo com as famílias, reforçando a importância de uma rede de apoio que inclui parceiros externos, como ONGs e órgãos comunitários. Por fim, foi evidenciada a necessidade de uma abordagem preventiva mais ativa e inclusiva, incluindo políticas antibullying e programas de conscientização.

A pesquisa confirma a importância de estratégias educacionais e políticas preventivas que envolvam toda a comunidade escolar, apontando para a necessidade de práticas que promovam um ambiente mais acolhedor e seguro. Assim, a dissertação não só atendeu aos seus objetivos, como também contribuiu para uma maior compreensão sobre a relevância da intervenção educativa e da mediação de conflitos como práticas fundamentais para a criação de uma cultura de paz nas escolas.

As principais conclusões da sessão de análise de dados destacam diversos aspectos críticos que influenciam a manifestação e perpetuação do comportamento agressivo entre os alunos do 8º ano do CEJCR.

Observou-se que a violência entre os alunos envolve uma teia complexa de relações de poder e aprendizado social. A pesquisa constatou que comportamentos agressivos são frequentemente internalizados e repetidos por meio da observação de pares e de modelos de comportamento no ambiente escolar. Isso sugere que a agressividade é, em parte, uma resposta defensiva aprendida e reforçada no contexto social da escola.

As interações observadas indicaram que a violência simbólica e a agressão verbal, como sarcasmo e exclusão social, são comuns e frequentemente aceitas pelos alunos como parte do convívio. Esses comportamentos foram identificados como formas de reforçar estereótipos e exclusões, prejudicando o bem-estar emocional dos alunos. A falta de intervenções eficazes pela equipe escolar contribui para a normalização dessas práticas agressivas.

Alunos que são alvos constantes de agressão demonstraram posturas retraídas, evitando o confronto e apresentando sinais de desconforto emocional. Esse comportamento revela o impacto psicológico da exposição continuada à violência, o que reforça a necessidade de intervenções que promovam um ambiente mais seguro e acolhedor.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M; Rua, M. G. *Violência nas Escolas*. Brasília, UNESCO. 2002.
- Azeredo, C. M., Levy, R. B., Araya, R. & Menezes, O. S. Individual and contextual factors associated with verbal bullying among Brazilian adolescents. *BMC Pediatrics*, 15(1), 1-11. 2015.
- Charlot, B. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje* (S. Loguercio, Trad.). Penso. 2005.
- Crews, G. A. *Handbook of Research on School Violence in American K-12 Education*. Hershey PA, USA: IGI Global. (Recurso eletrônico). 2019.
- Esquierro, L. M. C. *Violência na escola: o sistema de proteção escolar do governo do Estado de São Paulo e o professor mediador escolar e comunitário*. Americana (SP): Centro Universitário Salesiano de São Paulo. 2011.
- Fante, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz*. Campinas, SP. Ed. Verus, 2ª edição. 2005.

Olweus, D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell. 1993.

Pacheco-Salazar, B. Violencia escolar: la perspectiva de estudiantes y docentes. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*, 20(1), 112-121.

Pimenta, C. A. M., Incrocci, L. M. M. C. Mediação e resolução de conflitos escolares: criminalização ou educação? *Comunicações Piracicaba* v. 25 n. 2 p. 59- 78. 2018.

Submissão: dezembro de 2024. Aceite: março de 2025. Publicação: abril de 2025.